

## Editorial

### 40 anos a fazer (uma) escola

CRISTINA GOMES DA SILVA

[cristina.gomes.silva@ese.ips.pt](mailto:cristina.gomes.silva@ese.ips.pt)

Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal  
Centro de Investigação em Qualidade de Vida – CIEQV - IPSetúbal

ANA ALCÂNTARA

[ana.alcantara@ese.ips.pt](mailto:ana.alcantara@ese.ips.pt)

Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal  
Instituto de História Contemporânea - IHC - NOVA FCSH / IN2PAST

ANA CATARINA PINTO

[ana.pinto@ese.ips.pt](mailto:ana.pinto@ese.ips.pt)

Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal  
Instituto de História Contemporânea - IHC - NOVA FCSH / IN2PAST

## Quando nasce uma escola?

No dia em que é publicado o documento legal que a cria ou quando resulta da reflexão coletiva, da vontade, da discussão, da negociação e do empenho de quem a sabe necessária?

### MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

#### Gabinete do Ministro

**Desp. 130/ME/85.** — Nos termos do disposto nos arts. 6.º e 16.º do Dec.-Lei 513-L1/79, de 27-12, com a redacção dada pelo art. 1.º do Dec.-Lei 131/80, de 17-5, nomeio para integrarem a comissão instaladora da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal as seguintes individualidades:

**Presidente** — licenciada Ana Maria Dias Bettencourt, técnica superior principal do quadro único do pessoal dos organismos e serviços centrais do Ministério da Educação, habilitada com o *doctorat de 3<sup>me</sup> cycle* em Ciências da Educação pela Universidade de Sorbonne.

**Vogais:**

Licenciada Maria Emília Brederode Rodrigues dos Santos, técnica superior principal do quadro único do pessoal dos organismos e serviços centrais do Ministério da Educação, habilitada com o *master of Education* pela Universidade de Boston.

Licenciada Teresa Maria de Oliveira Cabeçudo Torres Martins, técnica superior de 1.ª classe do quadro único do pessoal dos organismos e serviços centrais do Ministério da Educação.

As referidas nomeações são efectuadas nos termos dos n.ºs 2 e 3 do art. 3.º do Dec.-Lei 146-C/80, de 22-5, por reconhecida urgente conveniência de serviço, e o desempenho das funções é em regime de comissão de serviço.

12-6-85. — O Ministro da Educação, *João de Deus Pinheiro*.

*Diário da República, II Série, Número 156, 10 de julho de 1985*

Há 40 anos foi publicado o Despacho de criação da Escola Superior de Educação (ESE) do Instituto Politécnico de Setúbal, como se fosse uma certidão de nascimento, mas a ideia, depois passada a projeto, tinha começado a germinar um tempo antes.

Em finais dos anos 70 do século XX, quando a rede do Ensino Superior Politécnico foi traçada, e foi tomada a decisão de criar Escolas Superiores de Educação nas regiões onde não existiam Escolas do Magistério Primário (para formação de educadoras/es e professoras/es), Setúbal não estava nesse mapa. É em meados dos anos 80 que a Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal é pensada, por três mulheres, que lhe deram forma e conteúdo: Ana Maria Bettencourt, Maria Emília Brederode Santos e Teresa Martins. O projeto era novo e começou por formar professoras/es em serviço, com competências técnico-científicas, mas a quem faltava formação pedagógica específica. O alargamento do projeto veio a seguir com a criação dos Bacharelatos em Educação Pré-Escolar e em Ensino Primário (1987), abrindo-se à comunidade, disponibilizando recursos humanos e materiais para o desenvolvimento de projetos que não estavam confinados às paredes da Escola.

Nos primeiros anos, ainda sem instalações próprias, foi uma escola sem paredes, tendo funcionado em vários espaços na cidade de Setúbal. Quando houve oportunidade para criar um espaço de raiz, também aqui a inovação teve um lugar de destaque e a escolha recaiu sobre um arquiteto pouco conhecido em Portugal, mas já com trabalho reconhecido no estrangeiro: Álvaro Siza Vieira. O edifício atual foi inaugurado em 1993.

A Península de Setúbal vivia tempos difíceis: a economia estava fragilizada e a crise da indústria naval, nos anos 80, tinha provocado o aumento do desemprego e atirado para situações de pobreza extrema um elevado número de famílias.

A convicção profunda sobre o papel fundamental da educação no desenvolvimento das sociedades refletiu-se nas apostas pedagógicas que foram sendo feitas. Desenvolvendo projetos com a comunidade, apoiando as escolas e as/os professoras/es da região, criando equipas multidisciplinares e dinâmicas, abrindo a Escola ao resto do Mundo através de projetos educativos com países de língua oficial portuguesa (PLOP) e outros países europeus.

É parte desta história, feita legado, que o número especial da Revista Medi@ções quer deixar registada. **40 anos a fazer (uma) Escola** foi

o lema que orientou todos os artigos aqui escritos, fazendo jus ao que a ESE de Setúbal tem sido: *uma escola ao serviço da região e aberta ao mundo*.

Este número da Medi@ções está organizado em duas partes:

### **Parte I – A história contada por quem a fez**

Aqui se reúnem textos com abordagens diversas, com o propósito de resgatar e cultivar a memória com mais ou menos formalidade, mas sempre acentuando o registo testemunhal de quem esteve diretamente envolvido nas várias frentes de trabalho. O critério seguido para coligir estes textos foi o facto de serem produzidos por docentes aposentados/jubilados, não docentes aposentados e uma diplomada.

A abrir contamos com um texto de Ana Maria Bettencourt, ***Uma conceção inovadora de escola – a importância do serviço a uma região***, que nos dá conta do processo de criação e desenvolvimento da ESE, desde a sua instalação em 1985. Nele podemos ler um entrelaçado de memórias, reflexões e críticas, recordando os ideais originais da ESE e apontando as dificuldades enfrentadas. A autora deixa também sugestões para o futuro e ideias para novos projetos ligados a desafios sociais atuais. O segundo texto, da autoria de Maria

Emília Brederode Santos, deixa-nos perceber o chão sobre o qual se construiu a ESE, *A ESE de Setúbal: uma escola com uma cultura e uma estratégia*. Aqui se destacam o trabalho em equipa, a inspiração em correntes pedagógicas internacionais e a construção de uma identidade própria baseada no *pensamento pedagógico*, que reconhece a/o estudante como sujeito ativo, que valoriza o seu percurso pessoal e profissional e aposta em contextos educativos que promovam autonomia, reflexão crítica, prática real e continuidade da formação ao longo da carreira.

Cristina Corrêa Figueira, partilha connosco *Um olhar pessoal sobre o nascimento de uma Escola*, que nasceu de um sonho coletivo, vivido com entusiasmo, amizade e espírito pioneiro. Essa experiência única deixou um legado de orgulho e identidade, que continua a marcar a ESE.

Em *Permeabilidade*, Ana Nogueira, artista plástica e diplomada da ESE, destaca, para além do valor arquitetónico do edifício, o papel da instituição como espaço de liberdade, ética e cidadania.

Os dois artigos dedicados ao Centro de Recursos Educativos (CRE) são da autoria de um coletivo de docentes aposentados e de funcionárias/os não docentes aposentados ou ainda no ativo. No

primeiro *Centro de Recursos Educativos (parte I). Inovação no capitel*, e no segundo *Centro de Recursos Educativos (parte II). Um olhar sobre uma polifonia complexa* é traçado o percurso singular e sublinhadas as realizações inovadoras de um projeto pedagógico de longa duração, multifacetado e construído a várias mãos.

Regina Marques, partilha um testemunho sobre a inserção da ESE na formação de uma esfera pública informada e exigente. Em *Do meu arquivo visual recordo uma ESE ligada à vida*, ficamos a conhecer melhor os pressupostos que estiveram na base da abertura da Licenciatura em Comunicação Social, e nos quais, ainda hoje nos podemos rever.

Luiz Souta, dá-nos conta de uma longa iniciativa que foi associando a produção literária ao exercício profissional de docentes que também são escritores em *Escritores na ESE. Testemunho de uma ‘experiência pedagógica’ longitudinal*.

Fernando Almeida e Leonor Saraiva, principais dinamizadores do processo de adequação curricular ao projeto de Bolonha, contam-nos como foram as dinâmicas e o que representou essa adequação em *O processo de Bolonha: um momento transformador na ESE-IPS*.

Sobre os projetos desenvolvidos no âmbito da cooperação, com início em 1987, contamos com quatro textos e um friso cronológico. Neles se dá testemunho de um percurso de quase quarenta anos de intervenção em projetos de cooperação em PLOP, onde a ESE interveio.

Ana Pires Sequeira e Jorge Pinto, analisam e refletem sobre as *Estratégias de adequação dos processos de trabalho aos contextos de intervenção em países de língua oficial portuguesa*, procurando destacar as abordagens que levaram em linha de conta as especificações e cada contexto de intervenção, Luísa Solla, escolheu em *Espaços de alteridade em relações de formação e cooperação. Um percurso com outra rosa dos ventos*, um caminho de relação entre identidade e alteridade das/os principais atrizes/atores da formação.

Fernanda Botelho e José Duarte, dirigem um olhar particular à forma como a ESE interveio nos processos de educação e formação, em *Educação e formação nos países de língua portuguesa: um olhar sobre a intervenção da ESE de Setúbal*.

Miguel Figueiredo e Nelson Matias, com vasta experiência na formação, mas também na gestão de projetos, refletem de forma crítica sobre os obstáculos à gestão e a constante necessidade de os

ultrapassar, *Condicionantes e soluções na gestão dos projetos: uma visão crítica e prospetiva*,

Por último, é apresentada a *Intervenção em projetos de cooperação com países de língua oficial portuguesa - um percurso com mais de 30 anos* em forma de friso cronológico, organizado por Ana Pires Sequeira e com conceção gráfica de Pedro Felício.

## Parte II - Continuar a fazer escola

Nesta segunda parte contámos com a participação de docentes ainda em atividade e com contributos de estudantes e diplomadas da ESE.

Em *Entre políticas e práticas de educação ao longo da vida: processos de construção de uma oferta formativa singular no ensino superior*, Ana Luísa Pires reflete sobre como uma experiência concreta de criação de um curso de mestrado permite fazer pedagogicamente diferente.

Cristina Gil e Maria José Freire, atuais coordenadoras, trazem uma *Breve história e evolução da Licenciatura em Tradução e Interpretação de Língua Gestual Portuguesa na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal*.

Catarina Savita, docente do 1º ciclo diplomada pela ESE, discorre sobre o projeto que desenvolveu em estágio, trazendo uma reflexão sobre o papel transformador do docente e da escola pública em ***Direitos Humanos: uma experiência para a cidadania democrática no 4.º ano de escolaridade.***

Em ***Os jogos como ferramenta para o ensino da História: uma proposta didática no contexto da formação inicial*** Catarina Mateus, estudante de Mestrado, analisa o potencial de jogos autoconstruídos para a mediação pedagógico-didática em áreas de conhecimento complexo. Ana Isabel Pereira, diplomada da ESE, traz a experiência das ***Assembleias de Alunos: metodologias ativas para uma gestão democrática de escola*** no Agrupamento onde trabalha.

### **Notas curriculares:**

**Cristina Gomes da Silva** é socióloga, professora coordenadora da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal, foi Diretora da ESE-IPS entre 2018-2022.

**Ana Alcântara** é historiadora, professora adjunta da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal e investigadora integrada do Instituto de História Contemporânea (IHC - NOVA FCSH / IN2PAST).

**Ana Catarina Pinto** é historiadora, professora adjunta da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal e investigadora integrada do Instituto de História Contemporânea (IHC - NOVA FCSH / IN2PAST).